

“PÁTRIA MINHA”: SENTIDOS DE BRASIL NO LIVRO DIDÁTICO

Lorena Ferreira Mafra (UESB)

lore.mafra6@hotmail.com

Júlia Bomfim Costa (UESB)

bomfim.c.julia@gmail.com

Maria Alice Santos Ferraz (UESB)

mariaalicesferraz@gmail.com

Adilson Ventura (UESB)

adilson.ventura@gmail.com

RESUMO

A utilização dos livros didáticos nas escolas ganhou protagonismo ao se revelar grande influenciador no modo de pensar dos cidadãos, promovendo significativa participação na constituição do repertório enunciativo da sociedade. Sob essa perspectiva, esse trabalho objetivou analisar os sentidos de Brasil no poema “Pátria minha”, de Vinícius de Moraes, e nos respectivos exercícios do recorte, presentes no livro didático “Português Contemporâneo – Diálogo, Reflexão e Uso” (2016) de William Cereja, Carolina Dias Vianna e Christiane Damien. A pesquisa filia-se à Semântica do Acontecimento, proposta por Guimarães (2002, 2018), a qual entende que os sentidos são constituídos no acontecimento do dizer. Assim, para as análises, mobilizamos os procedimentos enunciativos apresentados pelo autor, reescrituração e articulação, além do Domínio Semântico de Determinação (DSD). A partir disso, os resultados apontam que sentidos de Brasil são constituídos no poema a partir do recorte de memoráveis da ditadura cívico militar, e que, apesar da relevante reflexão, não há menções a este período nos exercícios propostos.

Palavras-chave:

Brasil. Livro Didático. Semântica Enunciativa do Acontecimento.

ABSTRACT

The use of textbooks in schools gained prominence by being a major influencer in the way of thinking of citizens, promoting significant participation in the constitution of the enunciative repertoire of society. From this perspective, this work aimed to analyze the meanings of Brazil in the poem “Pátria minha”, by Vinícius de Moraes, and in the respective clipping exercises, present in the textbook “Português Contemporâneo – Diálogo, Reflexão e Uso” (2016) by William Cereja, Carolina Dias Vianna and Christiane Damien. The research is affiliated with the Semantic Event, proposed by Guimarães (2002, 2018), which understands that the senses are constituted in the event of saying. Thus, for the analysis, we mobilized the enunciative procedures presented by the author, rewriting and articulation, in addition to the Semantic Domain of Determination (DSD). Based on this, the results indicate that Brazilian meanings are constituted in the poem from the cutout of memorables from the

military civic dictatorship, and that, despite the relevant reflection, there is no mention of this period in the proposed exercises.

**Keywords:
Brazil. Textbooks. Semantic Event.**

1. Introdução

Os livros didáticos conquistaram seu espaço como instrumento de ensino nas escolas, tornando-se um recurso facilitador no processo de aquisição e desenvolvimento do aluno. Essas coletâneas didáticas são vistas como uma ferramenta que veicula verdades, e os sentidos ali constituídos contribuem diretamente para a construção do repertório enunciativo dos discentes, que passam a propagar as noções ali obtidas entendendo-as como inquestionáveis.

Assim, independente da razão que contribuiu para a consolidação do uso dos livros didáticos na ambiência educacional, sua importância também se evidencia diante da expressividade de sua utilização. A supremacia desses livros nos permite associá-los à construção e formação dos alunos, ocupando papel importante na disseminação de ideias, informações e conhecimentos.

Pensar de que forma a narrativa preconizada no recurso pedagógico responde à formação nacional da sociedade e quais efeitos são produzidos por esses sentidos, reforça a importância de analisarmos como se dá a constituição de sentidos nessa materialidade. A opinião, o raciocínio crítico, a desenvoltura intelectual e a capacidade de interpretação fazem (ou deveriam fazer) parte do objetivo acadêmico. Fornecer os meios para que esses caminhos não se tornem superficiais ou até mesmo inexistentes, colabora com um ambiente de estímulo à criticidade e expansão de discernimento dos alunos.

Entendendo essa materialidade linguística como um instrumento persuasivo que participa fortemente da formação da sociedade e dos conceitos estabilizados por ela, este trabalho buscou analisar os sentidos da palavra Brasil em um livro didático de significativa distribuição por meio do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Observar a constituição dos sentidos de Brasil permitiu analisarmos como estes são legitimados e de que modo ignorar o estudo dos sentidos reforça o velamento de questões e discussões, factíveis e históricas, do país.

O corpus deste artigo foi elaborado a partir do livro didático “Português Contemporâneo – Diálogo, Reflexão e Uso” (2016), de William Cereja, Carolina Dias Vianna e Christiane Damien”, edição aprovada pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e dentro dos parâmetros do Ministério da Educação (MEC). O recorte dessa análise foi o poema “Pátria minha”, de Vinícius de Moraes, juntos às questões com respostas sugeridas pelo próprio material sobre o texto.

Mobilizamos os pressupostos da Semântica do Acontecimento (SA), teoria semântico-enunciativa desenvolvida pelo professor Eduardo Guimarães (2002, 2018), que parte do pressuposto da enunciação como um acontecimento de linguagem que produz sentido a partir de uma relação do sujeito com a língua, sendo essa relação considerada prática política, pois instaura o conflito no centro do dizer.

2. A Semântica do Acontecimento

Partindo da perspectiva linguística da semântica, a Semântica do Acontecimento (SA), proposta por Eduardo Guimarães, parte da premissa de que os sentidos são constituídos na enunciação. Considerando que a língua é colocada em funcionamento à medida que enunciamos, “a análise do sentido da linguagem deve localizar-se no estudo da enunciação, do acontecimento do dizer.” (GUIMARÃES, 2002, p. 7).

Para estruturarmos nossa pesquisa na SA, indispensável se faz destacar que para a teoria a língua não é transparente e os sentidos não são fixos. Isso implica dizer que o sujeito não controla os sentidos e que tais sentidos são constituídos na enunciação, portanto, passíveis de variação. Em outras palavras, por meio do esteio metodológico é possível analisarmos a significação observando as relações estabelecidas entre elementos em um texto e com o que é exterior à língua.

Ademais, embora a relação sujeito/língua tenha participação decisiva no delineamento conceitual do acontecimento, há também que se falar da temporalidade, dado que “o acontecimento instala sua própria temporalidade” (GUIMARÃES, 2002, p. 11). Esse elemento caracteriza-se exatamente pelo tempo da enunciação, e não pelo tempo cronológico ou do locutor, isso porque se entende enunciação como uma constante reformulação de outras enunciações. Dessa forma, o sujeito fala afetado por uma memória de sentidos que sempre está a dizer algo que já foi dito,

rememorando enunciações que colocam a língua em funcionamento. Conforme Guimarães (2002),

[...] a temporalidade do acontecimento constitui o seu presente e um depois que abre o lugar dos sentidos, e um passado que não é lembrança ou recordação pessoal de fatos anteriores. O passado é, no acontecimento, rememoração de enunciações, ou seja, se dá como parte de uma nova temporalização, tal como a latência de futuro. (GUIMARÃES, 2002, p. 12.)

Nesse ínterim, destaca-se a noção de memorável, que pode ser descrita como sendo a rememoração de enunciações passadas. O passado representa um recorte determinado pelo próprio acontecimento. Ainda, esse acontecimento projeta um futuro, sendo essa futuridade uma projeção de sentidos e possibilidades de interpretação. O presente do acontecimento, nesse caso, é o momento da enunciação, pois esta instaura sua própria temporalidade. Para Guimarães, “(...) o acontecimento de linguagem não se dá no tempo, nem no tempo do locutor, mas é um acontecimento que temporaliza” (GUIMARÃES, 2002, p. 14).

Relevante considerarmos, ainda, a presença do político no acontecimento de linguagem. O político, conceito utilizado por Guimarães (2002), instaura o conflito no centro do dizer e “(...) é caracterizado pela contradição de uma normatividade que estabelece (desigualmente) uma divisão do real e a afirmação de pertencimento dos que não estão incluídos” (GUIMARÃES, 2002, p. 16). Ou seja, para Guimarães (2002), o político é um lugar de conflito, está sempre dividido pela desmontagem da contradição que o constitui. Para a SA, diz respeito às divisões enunciativas na configuração do dizer, isto é, àquelas referentes às representações dos sujeitos e aos movimentos de afirmação de pertencimento desses sujeitos em relação a um lugar de dizer.

O acontecimento de linguagem, por se dar nos espaços de enunciação, configura-se um acontecimento político, e realiza-se por meio do funcionamento da língua na sua relação língua/sujeito, este nomeado falante, nessa conjuntura. O espaço de enunciação, portanto, não se trata de um espaço físico, empírico, mas um espaço político em que as línguas são desigualmente distribuídas e agenciam continuamente os falantes, também de modo desigual, a enunciar.

Nesse espaço político nós teremos as cenas enunciativas, que se caracterizam, de acordo com Guimarães (2002), como especificações locais nos espaços de enunciação. A partir dessa relação, destacamos o lugar do Locutor (L), que se estabelece como a origem do dizer, e do

locutor-x, que define o lugar social do dizer que agencia o Locutor. Segundo Guimarães (2002), “o lugar de Locutor se representa como lugar de dizer simplesmente.” (GUIMARÃES, 2002, p. 25). Assim, o autor determina que esse lugar de dizer de enunciador pode apresentar-se de três modos, são eles: enunciador-individual, enunciador-genérico e enunciador-universal.

2.1. Procedimentos enunciativos da SA

Para que sejamos capazes de analisar a constituição dos sentidos na enunciação, frente ao que preceitua a SA, é imperioso considerarmos as relações entre um elemento linguístico em determinado enunciado. Com essa finalidade, o aporte teórico para esse seguimento dispõe de dois procedimentos enunciativos, articulação e reescrituração, por meio dos quais observaremos os sentidos da palavra Brasil na materialidade analisada.

A articulação é definida por Guimarães (2009) como sendo “o procedimento pelo qual se estabelecem relações semânticas em virtude do modo como os elementos linguísticos, pelo agenciamento enunciativo, significam sua contiguidade.” (GUIMARÃES, 2009, p. 51). Em síntese, é o vínculo que o termo tem com outros termos circundantes no enunciado. O autor considera que esse procedimento pode se dar de três modos distintos: por dependência, por coordenação e por incidência.

A reescrituração, por sua vez, consiste no procedimento enunciativo através do qual se diz o que já foi dito, podendo variar sua significação à medida que é redito. Para Guimarães, a reescrituração se evidencia quando “uma expressão linguística reporta-se a uma outra por algum procedimento que as relaciona no texto integrado pelos enunciados em que ambas estão.” (GUIMARÃES, 2009, p. 53). A reescrituração também pode se dar de cinco formas, quais sejam: repetição, substituição, elipse, expansão e condensação.

Esses procedimentos formam a configuração do Domínio Semântico de Determinação (DSD), que corresponde à relação que uma determinada palavra possui com outras em um determinado texto, ou seja, serve para representar o sentido das palavras em determinado acontecimento, “(...) é a representação, a escrita da semântica para a designação do nome.” (GUIMARÃES, 2014, p. 62).

3. Análises

Neste artigo, foram analisadas oito estrofes do poema “Pátria minha” e três perguntas do respectivo exercício, junto às respostas sugeridas pelo material didático. A apresentação da referida análise demonstrará as relações de linguagem e constituição de sentidos de **Brasil**, além dos memoráveis destacados na enunciação. Utilizamos as siglas **(R)** para identificar recorte e **(RS)** para identificar respostas sugeridas.

R1: A minha pátria é como se não fosse, é íntima
Doçura e vontade de chorar; uma criança dormindo
É minha pátria. Por isso, no exílio
Assistindo dormir meu filho
Choro de saudades de minha pátria.

Cumpre iniciar essa análise ressaltando que na materialidade linguística que escolhemos Brasil não está explícito, mas a interpretação a partir de alguns aspectos do texto indicou que “pátria minha” corresponde a Brasil. Nesse primeiro recorte, o termo **Minha pátria** reescritura por substituição **Pátria minha**. Os termos **íntima**, **doçura**, **vontade de chorar** e **uma criança dormindo** são reescrituras por definição de Brasil, e **por isso** articula-se com o termo **no exílio** e com **assistindo dormir meu filho**, **choro de saudades de minha pátria**.

Estas relações de linguagem recortam um memorável da ditadura militar em que músicos, artistas, escritores e cidadãos opostos ao regime foram forçados a abandonar o Brasil. A articulação da expressão **por isso** com **no exílio** instaura sentidos de que o Locutor foi exilado, condição do cidadão que é forçado a deixar o seu país. **Por isso** também articula-se com **assistindo dormir meu filho**, **choro de saudades de minha pátria** e projetam sentidos de que os termos que determinam **pátria minha** (**íntima**, **doçura**, **vontade de chorar**; **uma criança dormindo**) condicionam a saudade do Locutor durante o período de exílio.

R2: Fonte de mel, bicho triste, pátria minha
Amada, idolatrada, salve, salve!
Que mais doce esperança acorrentada
O não poder dizer-te: aguarda...
Não tardo!

Na segunda estrofe do poema, o termo **fonte de mel** e **bicho triste** reescritura por substituição Brasil. **Amada e idolatrada** reescritura por substituição Brasil. A expressão **que mais doce esperança acorrentada** se articula com **amada**, **idolatrada**, **salve, salve!**. O termo **dizer-te** reescritura por elipse Brasil e **não tardo!** articula-se com **aguarda....**

Amada, idolatrada, salve, salve! recorta memorável do Hino Nacional. As relações enunciativas deste acontecimento instauram sentidos de que o recorte indica uma negação do poeta à letra da canção.

R3: Quero rever-te, pátria minha, e para
Rever-te me esqueci de tudo
Fui cego, estropiado, surdo, mudo
Vi minha humilde morte cara a cara
Rasguei poemas, mulheres, horizontes
Fiquei simples, sem fontes.

Nesse recorte, a expressão **quero rever-te** reescritura por elipse Brasil. **Pátria minha** reescritura por repetição **pátria minha**. **E para rever-te me esqueci de tudo** reescritura por elipse Brasil. **Pátria minha** se articula com **quero rever-te** e com os termos **para rever-te me esqueci de tudo**, em que os sentidos de exílio projetam o interpretável de que para voltar a ver seu país um dia foi preciso abandoná-lo, esquecer-se.

Os versos **fui cego, estropiado, surdo, mudo; vi minha humilde morte cara a cara; rasguei poemas, mulheres, horizontes; fiquei simples, sem fontes** também recortam um memorável da ditadura militar, visto que há a circulação de sentidos de censura e tortura para o lugar social de poeta, pelo impedimento de escrever poemas e expressar-se.

R4: Pátria minha... A minha pátria não é florão, nem ostenta
Lábaro não; a minha pátria é desolação
De caminhos, a minha pátria é terra sedenta
E praia branca; a minha pátria é o grande rio secular
Que bebe nuvem, come terra
E urina mar.

No recorte quatro, **A minha pátria** reescritura por substituição **pátria minha**. Nessa direção, o Locutor aponta que **minha pátria** é reescriturada pelos termos **desolação de caminhos, terra sedenta, praia branca e grande rio secular, que bebe nuvem, come terra, e urina mar**.

Não é florão, nem ostenta lábaro não recorta um memorável do Hino Nacional brasileiro, atribuindo-lhe novamente uma negação, visto que a canção afirma que o Brasil é “florão da América” e “lábaro que ostentas estrelado”. O poeta contrapõe o Hino caracterizando, sob sua visão, o que é seu país.

R5: Mais do que a mais garrida a minha pátria tem
Uma quentura, um querer bem, um bem
Um libertas quae sera tamen
Que um dia traduzi num exame escrito:

“Liberta que serás também”
E repito!

Nessa enunciação, **Liberta que serás também** é uma reescritura por substituição de **libertas quae sera tamen**. A expressão **e repito!** articula-se com **liberta que serás também**. **Mais do que a mais garrida** estabelece uma relação de articulação com **minha pátria**, que, por sua vez, articula-se com **tem uma quentura, um querer bem, um bem, um libertas quae sera tamen**.

Libertas quae sera tamen, expressão em latim que quer dizer “liberdade, ainda que tardia”, significa a partir de um momento histórico do Brasil, ao modo que este enunciado foi utilizado como lema da inconfidência mineira, no estado de Minas Gerais, e recorta um memorável de luta pela liberdade, sentidos que também circulam no período da ditadura militar, época em que muitas pessoas foram exiladas.

R6: Ponho no vento o ouvido e escuto a brisa
Que brinca em teus cabelos e te alisa
Pátria minha, e perfuma o teu chão...
Que vontade me vem de adormecer-me
Entre teus doces montes, pátria minha
Atento à fome em tuas entranhas
E ao batuque em teu coração.

Os versos **ponho no vento o ouvido e escuto a brisa, que brinca em teus cabelos e te alisa, e perfuma o teu chão, que vontade de adormecer-me entre teus doces montes, atento à fome em tuas entranhas e ao batuque em teu coração** articula-se com **pátria minha**, que aparece na estrofe duas vezes.

Tais relações constituem os sentidos do exílio, com a distância e a saudade do país, e da maternidade, na relação pátria/mãe. Assim, há um embate de sentidos entre a saudade do país que o exilou e a relação maternal entre o poeta e o país onde nasceu. Nessas articulações há um recorte de um memorável de amor e proteção, o qual recorta um memorável de mãe.

R7: Não te direi o nome, pátria minha
Teu nome é pátria amada, é patriazinha
Não rima com mãe gentil
Vives em mim como uma filha, que és
Uma ilha de ternura: a Ilha
Brasil, talvez.

No sétimo recorte, penúltima estrofe do poema no livro, **pátria amada e patriazinha** reescreveram por definição **pátria minha e pátria**

minha é reescriturada por **filha, ilha de ternura e Ilha. Não te direi o nome** articula-se com **pátria minha**. No último verso, **Brasil, talvez, Brasil** retoma a palavra **nome**, no início da estrofe, a partir da relação de reescrituração.

A partir dessas relações enunciativas, percebemos a constituição de sentidos opostos ao de uma mãe que está hierarquicamente acima dos filhos. No entanto, destacando o país como **filha, patriazinha e Ilha**, há a circulação de sentidos de que a pátria ainda é algo pequeno, em desenvolvimento. **Não rima com mãe gentil** também recorta um memorável do Hino Nacional, isso porque a letra da canção afirma que o Brasil é mãe gentil dos seus filhos (“Dos filhos deste solo és mãe gentil”), ou seja, dos indivíduos que aqui nascem. O Locutor novamente apresenta uma negação ao Hino: a sua pátria não é mãe gentil, mas uma filha.

R8: Agora chamarei a amiga cotovia
E pedirei que peça ao rouxinol do dia
Que peça ao sabiá
Para levar-te presto este avigrama:
Pátria minha, saudades de quem te ama...
Vinicius de Moraes.

Na oitava e última estrofe do poema, **pátria minha** articula-se com a expressão **saudades de quem te ama**, e **agora chamarei a amiga cotovia e pedirei que peça ao rouxinol do dia que peça ao sabiá** recorta um memorável do poema de Gonçalves Dias, “Canção do exílio”, enunciação que também rememora o Hino Nacional e reafirma o sentido de estar longe de casa. No verso **para levar-te presto este avigrama, avigrama** constitui analogia a telegrama, que remete o envio de mensagem enviada por uma ave.

Os recortes a seguir foram igualmente retirados da materialidade em análise na íntegra de sua disposição e correspondem às três perguntas e respostas também observadas neste artigo.

R9: 1. Na primeira estrofe de “Pátria minha”, o eu lírico compara a pátria a uma criança dormindo. O que há em comum entre os elementos dessa comparação?

RS. A “íntima doçura”, isto é, o eu lírico tem com a pátria uma intimidade semelhante à que tem com o próprio filho.

Na enunciação apresentada, **elementos** reescritura por condensação **pátria e criança dormindo**, enquanto **pátria** articula-se aos termos **o eu lírico compara, comparação**, com **o eu lírico tem com a** e com **intimidade semelhante à que tem com o próprio filho**.

R10: 2. O eu lírico do texto se refere à pátria por meio de um conjunto de metáforas como “fonte de mel”, “bicho triste”, “desolação de caminhos”, “terra sedenta”, “rio secular”, “ilha de ternura”. Que visão ele revela ter sobre a pátria, por meio dessas metáforas?

RS. Tem uma visão subjetiva, emocional, carinhosa da pátria. Ao mesmo tempo, ele a vê como um conjunto de contradições, com maravilhas (“fonte de mel”, “ilha de ternura”) e problemas (“desolação de caminhos”).

No décimo recorte, **fonte de mel, bicho triste, desolação de caminhos, terra sedenta, grande rio secular e ilha de ternura** reescreveram por enumeração o termo **metáforas**. **Ele** reescreveu por substituição **eu lírico**. **Maravilhas e problemas** reescreveram **contradições**. **Desolação de caminhos** é apresentada como uma reescrita de **problemas**. **Tem** reescrita por elipse **eu lírico e pátria** é reescritura pelo artigo **a**. **Tem uma visão subjetiva, emocional e carinhosa** se articula a **pátria**. Por sua vez, **pátria** se articula com **ele** e com **vê**.

R11: 3. Em alguns trechos, o poema “Pátria minha” estabelece uma relação intertextual com o Hino Nacional. **A)** Identifique esses trechos. **B)** A apropriação do discurso oficial sobre a pátria, nesse caso, confirma-o ou nega-o? Justifique sua resposta.

RS. **A)** “Amada, idolatrada, salve, salve!”, “não é florão, nem ostenta lábaro não”, “mais garrida”, “mãe gentil”. **B)** O poema nega o discurso oficial. O discurso poético é lírico e emotivo e se refere à pátria de maneira carinhosa, pessoal e íntima (“patriazinha”); não tem a finalidade de idealizá-la nem de tratá-la do ponto de vista militar (“ostenta lábaro”). A pátria é filha, é “ilha de ternura”.

Na questão três, **Discurso oficial** reescreveu por substituição **hino nacional**. **Discurso poético** é reescritura por definição por **carinhosa, pessoal e íntima**, e por elipse em **idealizá-la e tratá-la**. **Pátria** é reescritura por **filha e ilha de ternura**. **Pátria minha** articula-se com **poema** e **relação intertextual**, que articula-se com **Hino Nacional**. **Discurso oficial e lírico e emotivo** articulam-se com **pátria**. **Pátria** articula-se a **não tem a finalidade de idealizá-la e nem de tratá-la do ponto de vista militar**.

Para ilustrarmos graficamente essas relações de sentido, elaboramos o DSD de **pátria minha**.

ras de linguagem e as relações intertextuais, sem qualquer aprofundamento ou instigação à reflexão crítica e histórica da obra.

3.1. Discussão

A análise do poema, por meio do aporte teórico da SA, permite que a interpretação materialize uma rememoração da ditadura militar e do exílio. No entanto, ao observarmos as respostas sugeridas pelo livro didático, tudo que encontramos é o que está no texto, como se a língua fosse marcada pela evidência, e não pelo equívoco, como se a interpretação pudesse ser resumida a uma resposta pronta. A proposta de resposta do exercício é voltada para a língua como sendo transparente, não há preocupação em analisar sentidos; busca-se apenas o que está no texto. Podemos considerar que, para a atividade, exílio é saudosismo e ditadura militar não carece de problematização. Intenta-se abordar tão somente a questão dos elementos estruturais de um texto literário, como as figuras de linguagem e a subjetividade. Torna-se evidente, por conseguinte, que a oposição se apresenta na relação entre os sentidos que são produzidos no poema e os sentidos que estão produzidos no dizer desses autores didáticos nas respostas sugeridas.

4. Considerações finais

Diante da análise da expressão **pátria minha** no poema inserido no livro didático, observamos, por meio das relações enunciativas da SA um conflito de sentidos, uma vez que apontam para sentidos de Brasil constituídos no poema a partir de memoráveis do regime militar e da relação maternal com a pátria, produzindo, por seu turno, sentidos que mostram uma visão pessoal, mas, em contrapartida, os sentidos encontrados nas análises dos exercícios correspondentes sugerem uma abordagem superficial que não proporciona reflexão crítica quanto aos sentidos expostos no texto.

Os livros didáticos têm (ou deveriam ter) por finalidade a promoção de reflexão sobre os conteúdos estudados, por meio dos quais se espera desenvolver o raciocínio e senso crítico dos discentes. Depreende-se, no entanto, a exemplo dos recortes analisados, que a obra propõe um estudo que ignora a semântica, a construção de sentidos, dando destaque somente à gramática normativa, o que reforça a projeção de interpretações, no mínimo, incompletas, colaborando com sentidos superficiais e

favorecendo à não problematização de temas relevantes para a futuraidade.

O impacto da ausência de discussão que possibilita compreendermos a latência dos eventos descritos nos enunciados certifica a inexistência de um sentimento nacionalista comum aos cidadãos brasileiros e alimenta o velamento de questões socialmente importantes que, de forma indubitável, marcaram a história do país, além de contribuir com alunos cada vez mais indiferentes e desatentos às possibilidades de interpretação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CEREJA, W. DIAS VIANNA, C. DAMIEN, C. *Português contemporâneo – Diálogo, Reflexão e Uso*. São Paulo, 1. ed., v. 1. 3, São Paulo: Saraiva, 2016.

GUIMARÃES, E. R. J. A Enumeração: Funcionamento Enunciativo e Sentido. *Cadernos de Estudos Linguísticos (UNICAMP)*, Campinas, 2009.

_____. Designação e espaço de enunciação: Um escrito político no cotidiano. *Letras (Santa Maria)*, Santa Maria, 2003.

_____. *Domínio Semântico de Determinação*. A palavra, forma e sentido. Campinas, Pontes, 2007.

_____. Espaço de enunciação, cena enunciativa, designação. *Fragmentum (UFSM)*, 2014.

_____. Língua e enunciação. *Cadernos de Estudos Linguísticos (UNICAMP)*, Campinas-SP: 1996.

_____. *Os limites do sentido: um estudo histórico enunciativo da linguagem*. Campinas-SP: Pontes, 2002.

_____. *Semântica do acontecimento: um estudo enunciativo da designação*. Campinas-SP: Pontes, 2002.